

Língua árabe e Libras – o Cemoroc na Escola Pública

(notas sobre conferência do Cemoroc para alunos surdos e professores de Libras da EMEFM Vereador Antonio Sampaio, 23-10-17)

Aida R. Hanania¹

Resumo: Notas sobre conferência a respeito de possíveis convergências entre Língua Árabe e Libras, para alunos surdos e professores de Libras da rede municipal de São Paulo.

Palavras Chave: Língua Árabe. Libras. Educação. Surdos.

Abstract: Notes of a lecture on Arabic Language compared to Libras (Brazilian Sign Language). Lecture at a public school of São Paulo.

Keywords: Arabic language. Libras. education. Deafs.

O Cemoroc e a Escola Pública

Nota Prévia: Este artigo já estava pronto, quando tivemos a grata surpresa de que a ênfase que estamos dando neste momento no Cemoroc com a Educação Básica foi precisamente o tema da redação do ENEM (5-11-17), Exame Nacional do Ensino Médio de 2017: “Desafios para a formação educacional de surdos no Brasil”.

Como diretora acadêmica do Cemoroc, Centro de Estudos Medievais Oriente & Ocidente, orgulho-me de tantos eventos de pesquisa avançada que nosso Centro tem promovido. Por exemplo, em 2017, realizamos o “XVIII Seminário Internacional Cemoroc”, recolhido em livro pela *Libros Pórtico*, uma das mais prestigiosas editoras da Espanha. E no campo editorial são já 21 anos e 250 volumes de qualificadas revistas internacionais.

Mas há uma outra dimensão das atividades do Cemoroc não menos importante e ainda mais entranhável: seminários, cursos e conferências em constante diálogo com os professores da escola pública (Cf. <http://www2.fe.usp.br/%7Ecemoroc/page03.htm> e <http://www2.fe.usp.br/%7Ecemoroc/page07h.html>).

Nesse trabalho, destaca-se a parceria com a EMEFM Vereador Antonio Sampaio, uma das poucas escolas da Prefeitura Municipal de São Paulo que mantém também Ensino Médio.

Graças ao empenho de sua diretora, Profa. Graziela da Silva Dias, que não mede esforços para promover a qualidade do ensino público² e da incansável Profa. Dra. Chie Hirose (doutora e pós doutora Feusp e professora de alfabetização no “Vereador”), temos não só oferecido cursos para professores, mas dando-lhes **protagonismo** como autores em nossas revistas e em nossos Congressos: afinal eles é que são, mais do que ninguém, autênticos educadores.

Se considerarmos apenas a EMEFM Vereador Antonio Sampaio (abreviaremos por VAS), foram, desde 2013, cinco Seminários com professores, um

¹. Professora Titular DLO-FFLCHUSP. Fundadora do Curso de Pós Graduação em Língua, Literatura e Cultura Árabes da FFLCHUSP.

². A direção e os professores, temos constantemente constatado, são altamente dedicados e qualificados, apesar da precariedade das condições que são oferecidas pelo governo.

Encontro Pedagógico e diversas aulas sediadas nessa escola, sem contar a constante presença de seus docentes em diversos outros eventos de nosso Centro.

Cada vez mais, professores do Cemoroc, da mais alta estatura acadêmica vão ao diálogo direto com a escola pública.



Prof. Jean Lauand, titular da Feusp: aula para o 3º. ano do Fund. I (2015)



Conferencistas do dia 5-7-17 do XVIII Seminário Internacional Cemoroc: Professores Rui (UMESP), Graziela (VAS), Raimunda (VAS), Aida (USP), Jean (USP), Juscelino (VAS), Alexandre (UMESP).
Abaixo: Roberto (USP), René (VAS) e Chie (VAS)



Docentes do VAS no I Encontro Cemoroc Escola Pública - 2016
Juscelino, Mara, Lúcia, Jean, Raimunda, Deolinda, Maria Rosa e Chie

A seguir, gostaria de resumir uma impactante experiência que tive em recente aula no VAS, na qual nosso presidente, o Prof. Jean Lauand, e eu estivemos em enriquecedor diálogo com alunos surdos e professores de Libras – o VAS é uma importante escola de inclusão de surdos na Zona Norte de São Paulo.

Língua árabe e Libras: convergências?

A conferência foi proferida pelo Dr. Lauand e por mim, com tradução simultânea pela Profa. Renata F. S. Francisco e com um interlocutor principal, o Prof. Eduardo Pereira Rocha, ele mesmo surdo, também professor de Libras e formado em Letras. Além, é claro, das intervenções dos assistentes.

Era a primeira vez que os conferencistas tínhamos um tal público e logo nos demos conta de que os surdos têm sua própria língua, a língua de sinais, que *não* é a língua portuguesa em sinais, mas Libras.

Do mesmo modo, não foi de tanta utilidade o material impresso que distribuímos, na ilusão de que por escrito a comunicação seria normal: a língua deles é Libras!

Já quando começamos a falar das características da língua árabe, houve entusiasmo quando se deram conta de que o árabe não utiliza o verbo ser (/estar) como verbo de ligação e que basta dizer: “Eu professor” ou “eu nesta escola” em vez de “Eu sou professor” ou “eu estou nesta escola”. E, como usuários de Libras, perguntaram por que a língua portuguesa tem que ser tão complicada...

Do mesmo modo (mais uma convergência...), no sistema língua/pensamento árabe em vez dos longos e complicados discursos ocidentais, encontramos um rápido e cortante suceder de flashes, em frases nominais, provenientes de uma imaginação fulgurante com a irresistível força da imagem concreta.

Assim, uma cena, digamos, como a de abater um pássaro, seria, no limite, descrita por um ocidental nestes termos: “Estava um pássaro a voar no céu, quando eu o vi. Ora, ao vê-lo, interessei-me por ele e, portanto, dado que dispunha de uma atiradeira, muni-me de uma pedra, mirei-o, disparei a atiradeira a fim de atingi-lo; de fato atingi-o e, portanto, ele caiu, o que me possibilitou apanhá-lo com a mão”. Já o árabe, tende a apresentar essa mesma cena do modo como o faz Tom Jobim em “Águas de Março”, dizendo simplesmente: “Passarinho na mão, pedra de atiradeira”. Os enlaces lógicos ficam subentendidos por detrás da sucessão de imagens. E o mesmo ocorre, por exemplo, com este outro verso da mesma canção: “carro enguiçado, lama, lama” (em clave ocidental: “O carro enguiçou devido à avaria provocada por excesso de lama ..”).



Nossos alunos surdos. Entre professores Jean e Aida, Prof. Eduardo (professor surdo de Libras) e a seu lado Profa. Renata (de Libras)

Essa associação imediata é tanto mais forte quanto o árabe tende a evitar as abstrações e voltar-se para o concreto. Tipicamente falando, enquanto nós tendemos para o abstrato, o indeterminado e o substantivado, como em “A educação vem do berço”; o árabe expressa a mesma ideia com imagens concretas:

Pai dele (é) alho; mãe (é) cebola: como pode ele cheirar bem?

E enquanto nosso provérbio é: “Quem o feio ama, bonito lhe parece”, o árabe diz:

O macaco aos olhos de sua mãe (é) gazela.

Nada de abstratos “a educação”, “a conduta” etc. A palavra para conduta (boa ou má) é a mesma para aroma (*rihat*); para além da metáfora (“a coisa está cheirando mal em Brasília”), para o árabe, trata-se da mesma e única palavra.

A dificuldade de tradução para Libras, no caso, ficou por conta do adjetivo substantivado: “o feio” etc.

Outros aspectos da cultura árabe entraram em jogo³, renovando vivamente nosso olhar sobre algumas realidades, a partir do ponto de vista dos surdos: como fica o Alcorão para um surdo, se Al-Qur’an é precisamente a recitação, o canto da leitura...?

Por outro lado, a ênfase na escrita, a caligrafia como arte religiosa e arte árabe por excelência, causou forte impacto. Por exemplo, a fórmula principal do Islã, a *shahada*: *La illahi illa Allah* (não há outro deus, senão o único Deus) é portadora da incrível coincidência de que nela comparecem as poucas letras verticais do alfabeto árabe, como que convidando – a partir da própria leitura – a uma ascensão ao divino.



A verticalidade da *shahada*

Se, por vezes, se usa demagogicamente o estereótipo de que o professor aprende com os alunos, neste nosso caso, no diálogo com os surdos, certamente eles nos ensinaram e muito, de verdade, nessa riquíssima experiência.

Recebido para publicação em 29-10-17; aceito em 04-11-17

³. E acabaram por convocar um novo encontro no VAS, tematicamente dedicado a aspectos sociais do mundo árabe.